

EXISTIRÁ UM MODELO QUEBEQUENSE DE REESTRUTURAÇÃO ECONÓMICA?*

MÁRIO VALE²

Como muitas outras regiões industrializadas do mundo ocidental, a economia do Quebeque sofreu um processo de desindustrialização com amplas repercussões sociais e, como em outros casos, os factores que estiveram na sua base são relativamente semelhantes: obsolescência tecnológica, custos energéticos elevados, concorrência de novos países industrializados, integração da economia internacional, ... (Vale, 1999). Mas as respostas à crise económica dos anos 1970 foram regionalmente diferenciadas, alcançando alguma notoriedade o caso do Quebeque, que Fontan, Klein e Tremblay analisam nesta obra.

Os autores estudam detalhadamente o processo de reestruturação económica da região metropolitana de Montréal entre 1980 e 2000, período em que a estrutura produtiva foi afectada por uma profunda crise, mas o seu contributo principal decorre do foco de análise incidir nas soluções inovadoras adoptadas pelos agentes socioeconómicos de forma a superá-la. Sublinhe-se a dimensão interdisciplinar do trabalho, combinando as perspectivas da Sociologia (Fontan), da Geografia (Klein) e da Economia (Tremblay). Em síntese, os autores procuram explicitar o processo de reconversão económica da região metropolitana de Montréal e explicar o papel dos actores sociais naquele processo, num contexto de globalização, que impulsiona as principais cidades mundiais a competir entre si. Os autores avançam com a hipótese de que a inovação social desempenha um papel determinante nos processos de regeneração metropolitana e que, no caso de Montréal, a complementaridade das estratégias dos diversos actores públicos, locais (municipais e associativos) e privados permitiu obter resultados positivos. Os autores vêm nesta concertação de estratégias entre os agentes o sustentáculo do modelo inovador quebequense para a reconversão.

As perspectivas teóricas que os autores adoptaram para concretizar o seu trabalho reflectem, de algum modo, as respectivas formações académicas e especialmente um posicionamento crítico e alternativo enquanto investigadores das Ciências Sociais.

* Recebido: 22/08/2007. Aceite: 4/09/2007.

¹ Fontan J-M, Klein J-L, Tremblay D-G (2005) *Innovation Socioterritoriale et Reconversion Économique: Le cas de Montréal*. L'Harmattan, Paris.

² Professor Associado do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa e Investigador no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. E-mail: mario.vale@ceg.ul.pt

Com efeito, os autores referem explicitamente a adopção de perspectivas da “nova geografia económica” (Storper, 1997; Benko e Lipietz, 2000), dos “regimes urbanos” (Stone, 1989; Le Galès, 1995) e a da “inovação social” (Putnam, 1993), cujos argumentos divergem do pensamento dominante em Geografia Económica, Ciência Política e Sociologia.

A estrutura do livro reflecte bem o objectivo principal dos autores, iniciando-se com um primeiro capítulo relativo à reestruturação das economias metropolitanas e às trajectórias inovadoras de reconversão num contexto de globalização. O segundo capítulo centra-se na discussão da questão da inovação e do seu papel no desenvolvimento dos territórios. Em seguida, o trabalho desenvolve-se em torno do caso quebequense, abrindo com um terceiro capítulo de enquadramento referente ao processo de reconversão de Montréal, seguindo-se-lhe o quarto capítulo relativo aos três estudos de caso seleccionados (*Ville de Saint-Laurent*, *Cité du Multimédia* e o *Tecnopólo Angus*). O livro encerra com um capítulo de balanço sobre a dimensão social nos processos inovadores de reconversão económica em Montréal.

Os dois primeiros capítulos teóricos apresentam os principais argumentos que sustentam a selecção e as opções de investigação dos estudos de caso. De uma forma sintética, os autores discutem, no primeiro capítulo, as grandes mudanças ao nível do Estado-nação num contexto de globalização e as suas implicações para o desenvolvimento dos territórios, advogando a necessidade de uma recomposição das instituições de gestão ao nível local e das suas formas de governança, com o objectivo de reposicionamento dos territórios em redes económicas globalizadas. Para as aglomerações metropolitanas, importa definir novas formas de governança capazes de concertar interesses diferenciados dos actores no sentido da construção de uma estratégia de desenvolvimento metropolitano, de forma a colmatar o recuo do Estado-nação e a responder aos desafios da competitividade. As cidades constituem os nós principais da globalização, desempenhando novas funções indispensáveis ao funcionamento da economia global. Neste sentido, as metrópoles das economias mais desenvolvidas estão conscientes da importância da definição de estratégias de desenvolvimento de actividades inovadoras e de empregos mais qualificados, em simultâneo com a reconfiguração das formas de governança, de forma a articular distintos actores a diferentes escalas geográficas (do global ao local).

Partindo deste posicionamento teórico, os autores consideraram adequada a inclusão de um capítulo prévio aos estudos de caso sobre as definições de inovação, destacando a inovação social como um elemento constituinte decisivo para as estratégias inovadoras de desenvolvimento, criticando assim as visões excessivamente ‘tecnológicas’ da inovação. A inclusão deste segundo capítulo é mais discutível, especialmente pelo facto de passar em revisão diversas teorias da inovação sem as relacionar com as estratégias de desenvolvimento territorial e com as questões da reconversão económica das áreas metropolitanas.

Conforme mencionámos anteriormente, os capítulos seguintes reportam o processo de reconversão económica de Montréal, incidindo o terceiro capítulo nas etapas da evolução de Montréal, desde 1860 até ao presente, que se podem resumir do seguinte modo:

- 1860/1920 – grande período de expansão económica assente no desenvolvimento do sistema financeiro, da indústria e do transporte ferroviário (Montréal é a sede da *Canadian Pacific Railway*);
- 1920/1970 – segunda vaga de industrialização, mas perda de algum protagonismo em favor do Ontário e do Oeste do Canadá, devido à deslocalização de actividades comerciais mundiais;

- 1970 ao presente – crise da indústria *fordista* e desenvolvimento de actividades da economia do conhecimento.

O processo de reconversão económica foi marcado pela actuação (i) do Estado, (ii) dos movimentos associativos e comunitários e (iii) do movimento social – essencialmente sindicalista. Por comparação com os EUA, a intervenção do Estado foi muito forte, tendo liderado um processo de formação de parcerias entre agentes económicos e a Universidade para a criação de empresas e de emprego na economia do conhecimento. Em 2000, o emprego criado pelos diversos sectores da “nova economia” atinja 155 mil postos de trabalho na região, equivalente a 9% do emprego total, com uma tendência para a especialização em funções de fabricação, embora as funções superiores de gestão e de administração se concentrem sobretudo em Toronto³.

A constituição das CDEC (*Corporations de Développement Économique Communautaire*) em Montréal demonstra o papel do movimento comunitário e associativo na concertação dos diferentes actores locais mais afectados pelo processo de reestruturação. Como os autores afirmam, “*L’espace d’action des CDEC étant celui des quartiers, des arrondissements, leurs action mettent en évidence le potentiel des territoires locaux en tant que cadre d’un type d’action collective ancrée dans le mouvement social.*” (pág. 83). Finalmente, os sindicatos desempenharam um papel decisivo em todo o processo de regeneração, utilizando os seus fundos de pensões para o apoio à criação de emprego e para mitigar o encerramento e as deslocalizações de empresas.

Fontan, Klein e Tremblay dedicam o quarto capítulo aos três estudos de caso de reconversão económica em Montréal. O caso de *Ville Saint-Laurent* ilustra uma trajetória de desenvolvimento marcada essencialmente pelas forças de mercado e pelo envolvimento de grandes empresas em novos sectores da biotecnologia e da aeronáutica, embora se constata o relevo das intervenções públicas do Estado e da autarquia local em todo o processo. O segundo caso evidencia o papel da intervenção pública na criação da *Cité du Multimédia*, situada no *Faubourg des Récollets*, envolvendo autoridades políticas da cidade de Montréal e da província do Quebec, bem como os fundos de solidariedade da Federação dos Trabalhadores do Quebec (FTQ). O terceiro caso expressa o envolvimento decisivo de uma CDEC para a criação do Tecnopólo *Angus*, em *Rosemont-Petite-Patrie*, um bairro de Montréal vinculado à história da expansão do caminho-de-ferro, por aí se ter localizado o maior *site* industrial da *Canadian Pacific Railway*.

Fontan, Klein e Tremblay demonstram de forma clara e com rigor que a complementaridade entre os diversos actores privados e públicos e a forte dinâmica dos movimentos associativos e sindicais fez do processo de reconversão económica de Montréal um caso de sucesso, chamando a atenção para a relevância das dimensões não económicas nas políticas de regeneração.

Os autores poderiam, no entanto, ter discutido com maior aprofundamento o verdadeiro papel do Estado e dos fundos públicos no processo de reconversão económica, que nos parece ter sido muito relevante, até porque o Quebec é um tema delicado da agenda política interna canadiana. Em benefício dos autores, sublinhe-se que outras regiões desindustrializadas europeias também foram fortemente apoiadas por fundos

³ Este será, porventura, o traço mais marcante da geografia económica canadiana contemporânea.

públicos, mas os resultados terão ficado aquém dos observados em Montréal, aspecto que remete para o relevo da dimensão social e – estamos em crer – para a questão política e identitária do Quebec, o que parece indiciar, portanto, a existência de um modelo quebequense de reestruturação económica. E, se assim for, será possível transpô-lo e adaptá-lo a outros contextos territoriais? É uma questão que deverá merecer a atenção dos investigadores da área da geografia económica e da economia regional, bem como dos técnicos e responsáveis pelas políticas públicas de desenvolvimento regional.

BIBLIOGRAFIA

- Benko G, Lipietz A (ed.) (2000), *La Richesse des Régions*. PUF, Paris.
- Fontan J-M, Klein J-L, Tremblay D-G (2005) *Innovation Socioterritoriale et Reconversion Économique: Le cas de Montréal*. L'Harmattan, Paris.
- Le Galès P (1995) Du gouvernement des villes à la gouvernance urbaine. *Revue Française des Sciences Politiques*, 45 (1): 57-95.
- Putnam R (1993) *Making Democracy Work*. Princeton University Press, New Jersey.
- Stone C S (1989) *Regime Politics. Governing Atlanta (1946-1988)*. Kansas University Press, Lawrence.
- Storper M (1997) *The Regional World. Territorial Development in a Global Economy*. Guilford Press, New York.
- Vale M (1999) *Geografia da Indústria Automóvel num Contexto de Globalização. Imbricação Espacial do Sistema Autoeuropa*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Lisboa (polic.), 486 p.